

O rádio portátil

Anos sessenta. Durante um golpe de mão a uma base da Frelimo é feito um prisioneiro. Revela-se impraticável transportar o guerrilheiro ferido. Abandoná-lo seria bárbara desumanidade. Que fazer? A esta dúvida é preciso serenamente dar resposta, coisa difícil com o rádio do prisioneiro ainda há pouco a tocar uma *marrabenta*.

Tembué, 17 de Setembro de 1968

Gosto desta hora madrugadora em que a luz vence as trevas. Aqui, em Moçambique, essa luta é rápida, fulminante. Tal como um golpe de mão. Dentro de instantes o acampamento ficará resgatado da escuridão da noite.

Este novo dia promete acção a quem estiver na escala de serviço operacional. Não é o meu caso. Isso põe-me bem disposto. Lamentável é não ter ficado a dormir. Mas, na tropa, cama durante o dia é só para doentes, e com febre.

Decorre, desde ontem, a operação *Equador*, participada também por um grupo de militares da Rodésia. O general António Augusto dos Santos, comandante militar de Moçambique, vê com bons olhos a repartição dos esforços de guerra com aquela país vizinho. No entanto, os rodesianos estão impedidos de combater. Lisboa não autoriza. Mesmo assim, não deixam de ter o seu papel: fazem pesquisa aérea, transportam as nossas tropas de helicóptero para as bases da Frelimo, cooperam na elaboração das ordens de operações.

Durante a *Equador*, pilotos rodesianos e da Força Aérea Portuguesa tentarão localizar acampamentos guerrilheiros. Se o conseguirem, as tropas actuarão. A província de Tete regista forte presença da Frelimo no vale do rio Kapoche. Sabe-se da existência de diversas bases na área. Uma delas encontra-se referenciada. Se for descoberta só poderá ser atacada por efectivos consideráveis. É a mítica *Base Beira*, instalada por Samora Machel.

O sol ainda não nasceu, mas a movimentação de pessoal e viaturas é já intensa. O acampamento do Tembué torna-se pequeno para acolher tanta tropa. Os militares da Rodésia são uma gota de água neste mar fardado. Mas distinguem-se pela superior qualidade dos camuflados. Outro sinal da sua presença é o rancho melhorado, servido na messe de paredes de caniço e telhado de capim. Da ementa não consta aquela salsicha circular, intragável, a que chamamos “disco de embraiagem”.

A manhã vai a meio. E eu, a meio de outro uísque. Estamos na tórrida África, é preciso beber. Sentado numa cadeira feita de ripas de caixotes de sabão, obra do soldado Melo, da Comp. de Caç. 2358, carpinteiro na vida civil, vou deixando correr o tempo.

Daqui posso ver a ampla tenda de lona onde funciona o Posto de Comando. Adivinho o que vai lá dentro: dois majores, um português, outro rodesiano, estão a

espetar pinos de várias cores no plástico transparente que forra o mapa cartográfico. Fazem-no sob o olhar atento do comandante da operação e do oficial estrangeiro mais graduado.

Todos estes oficiais superiores, posso apostar, estão escrupulosamente escanhoados e vestem camuflados novos em folha. Estas adivinhadas evidências compatibilizam-se com a guerra limpa, “pasteurizada”, que travam ali dentro. Apressado, um estafeta entra na tenda. Deve levar mensagem importante. Isso vai obrigar, certamente, os dois oficiais de operações a espetar mais pinos sobre o mapa. Pouco depois, o estafeta está de novo cá fora. Parece desorientado, à procura de rumo. Aborda um soldado, este vira-se para a messe, aponta o dedo na minha direcção. O estafeta corre, chega junto de mim afogueado: «Alferes Andrade? Apresente-se, por favor, no Posto de Comando».

Intrigado, vou saber o que se passa. No interior da tenda, tenho oportunidade de confirmar: os dois majores lá andam, de facto, às voltas com os pinos. Inicia-se um curto *briefing* e depressa recebo ordem para ir rapidamente atacar uma base. Outra surpresa: não levarei o meu grupo de combate. Comandarei um outro. Com esse farei o golpe de mão!

Na tropa, ordens são ordens. Calei-me. *Manda quem manda porque manda / nem importa que mal mande ou mande bem*. Fernando Pessoa bem tinha avisado. Antes da partida, encaro o pequeno grupo sob meu comando. Trata-se de combatentes experientes, merecem-me confiança. Eles estarão talvez a pensar o mesmo de mim. Mas é indisfarçável a recíproca falta de proximidade. Somos quatorze ao todo. A nós junta-se o cipaio Guiguira mais a sua inseparável Mauser, a “espera-pouco”. A este conheço-o ao pormenor. É um óptimo pisteiro. Não há tempo a perder. Entro no *heli*.

Em menos de quinze minutos estamos já a sobrevoar o vale do rio Kapoche. Vejo agora, no fim da planície, uma impressionante escarpa, direita como uma parede. Em voo cada vez mais baixo, é para lá que os helicópteros *Allouette* rumam. Depois, como se fossem ascensores, sobem na vertical as costas aprumadas do maciço, largam-nos e iniciam a descida pelo mesmo trajecto.

A primeira avaliação no terreno deixa-me inseguro, de mau humor. Foram os rodesianos que descobriram a base, nos trouxeram e, agora, nos largam, no alto, com um abismo atrás das costas. Fariam eles o mesmo a pessoal do seu exército? Sinto-me tomado pela desconfiança. É neste estado de espírito que me preparo para o golpe de mão.

Como não há recuo, resta-nos fazer a aproximação à base sem erros. Torna-se vital não quebrar a surpresa, desencadear o assalto de forma rápida, fulminante. E sair o mais depressa possível desta perigosa situação.

Sob elevada temperatura, damos início à caminhada. Estamos em cima do meio-dia, penso. Guiguira vai à frente. Vigilante, revira os olhos em todas as direcções. No seu jeito de andar dá a ilusão de quase não pisar o solo. Eu sigo logo atrás. Quero-o sempre por perto para me aproveitar da sua eficácia a “ler” o terreno.

Ao fim de alguns minutos, avistamos um riacho seco. Decido aproveitar este trajecto. É mais rápido e resguardado. Caminhamos agora pela areia ressequida, rente

à vegetação da margem. De repente, Guiguira pára. Fica imóvel. Deve ter avistado a base. Faço o clássico sinal de “inimigo à vista” e o pessoal recolhe-se. Guiguira continua imóvel. Parece hipnotizado. Sigo o seu olhar e... congelo: vem lá um guerrilheiro!

Veste farda caqui, caminha descontraído, arma ao ombro, rádio portátil na mão direita. Está a menos de duzentos metros. À medida que se aproxima sinto o coração bater mais forte. Se fizermos um movimento, mínimo que seja, detecta-nos. Percebo agora a rígida imobilidade do cipaio.

O rádio portátil do guerrilheiro está ligado. Até nós chegam fiapos de música africana. Entretanto, a distância que nos separa reduziu-se a menos de metade. E ele sempre a avançar... mas, agora, algo o alerta. Talvez a nossa própria respiração. Pára, alonga a vista, descobre-nos. Deixa cair o rádio, tenta a arma. E lança-se numa corrida em ziguezague, a melhor forma de escapar às balas. A nossa rajada picota a areia, persegue-o. Ele como que tropeça, talvez atingido, desaparece entre a vegetação da margem. Lá se foi a surpresa!

A minha preocupação aumenta. Onde estará ele metido? Neste momento, poderá estar a tirar a folga ao gatilho, preparado para nos abater. Estarei na mira? O rádio que abandonou à pressa continua a tocar. Transmite uma bem ritmada *marrabenta*.

Na areia do rio é fácil seguir o rasto do fugitivo. Depois só mesmo Guiguira poderá ter sucesso. A vegetação é muito densa, mas rapidamente ele apanha a pista: descobre uma gota de sangue entre as folhas de um arbusto rasteiro. Pouco depois, aponta-me uma árvore de grande porte. O homem tinha procurado a protecção de um imbondeiro, a árvore mais emblemática da sua terra.

É preciso agir depressa, e ele é um obstáculo. De granada na mão, apronto-me para resolver o problema. E se ele quiser entregar-se? Assiste-lhe esse direito. Avanço e é Guiguira quem fala. Garante que lhe pouparemos a vida. Responde com uma rajada. Faço-lhe eu próprio a proposta. O guerrilheiro atira a arma para o chão.

Agora a sua pistola-metralhadora, uma PPSH de fabrico chinês, está nas mãos de Guiguira que se mostra fascinado. Não duvido que a trocaria pela sua “espera-pouco”.

Vou ter com o homem. Foi atingido numa perna e no calcanhar. Ainda quente, conseguiu correr até meia encosta. Deveria ser imediatamente assistido, mas não há tempo.

Um golpe de mão compara-se a uma trovoada africana: no céu acende-se um relâmpago e logo o ribombar da tempestade. Neste caso, a comparação não colhe. A base está avisada. Aguarda a tempestade.

Nestas condições, a acção é de todo desaconselhada. Mas estamos sem recuo. À nossa rectaguarda temos o abysmo, assim tal e qual, grafado com “y”, conforme Teixeira de Pascoaes costumava escrever, sugerindo-me, neste caso, drama em queda livre.

Desconcerta-me a ideia de desencadear o ataque sem fazer um reconhecimento, mínimo que seja. Estou indeciso. No CIOE-Centro de Instrução de Operações Especiais, em Lamego, experimentados *rangers* ensinaram-me que, em certas

situações, melhor do que decidir muito bem é decidir rápido: Guiguira fica com o prisioneiro, nós avançamos em meia-lua.

A ordem é não se poupar munições. O nosso caudal de fogo deve iludir. Somos quatorze, mas temos de parecer dezenas. Já se divisa a base. Vejo os dedos da minha mão a dar o sinal: um, dois... três!

O crepitar frenético das G3 serve de propulsão ao mortífero jogo de dispara-avança, dispara-avança, até ao objectivo. A base é tomada rapidamente, a resistência foi praticamente nula.

Ainda sob o efeito da adrenalina, integro-me no reduzido grupo de assalto encarregado de inspeccionar este quartel de mato. A vistoria permite-me verificar como é grande a base, tão grande que nunca tinha visto outra assim. Estamos num santuário da Frelimo, a mítica *Base Beira*.

Isto significa muitos efectivos guerrilheiros por perto. Devem ter aproveitado a nossa demora (com o incidente do homem do rádio portátil) para porem a salvo o essencial: munições, armamento pesado, medicamentos, material cirúrgico, documentos. De facto, só apanhamos sobras: duas granadas antitanque, uma mina artesanal, detonadores, panfletos de propaganda, um *rocket* de avião, provável reforço a uma mina anticarro.

Quadro confrangedor, os idosos, mães com filhos pequenos. Nenhuma destas pessoas está ferida, o que espanta. Em rigoroso silêncio, mostram um medo de morte. Aos ouvidos dos adultos chegaram, provavelmente, notícias de massacres cometidos na província de Tete.

Agora, uma criança desfaz-se em pranto. É uma miúda de três ou quatro anos. Tiro um *nogat* do bolso e ofereço-lhe. Os olhos da menina acendem-se de espanto. Deve ser a primeira vez que vê o *mezungo*, o branco. Sempre a olhar-me, lambe a pasta de amendoim e melão. Inocente, tem o seu problema resolvido.

As palhotas, camufladas pela copa das árvores, são um hino ao artesanato. Sem um prego, um tijolo, um vidro, construíram abrigos enxutos e funcionais. E até graciosos. Vejo-me de archote na mão a chegar-lhes fogo.

Temos de nos despachar, fugir daqui. Os guerrilheiros, mal tenham o material a salvo, virão ajustar contas.

Retiramos. O pequeno comboio humano, formado pela população, acompanha-nos. Queremos chegar a lugar apropriado, fazer “um alto”, montar a segurança e, via rádio, dar a nossa posição, para os *helis* nos virem recolher.

O transporte do grupo de combate e de toda esta gente vai obrigar a ponte aérea. Para um helicóptero, não é muita a distância daqui ao Tembué, onde, hoje de manhã bebia tranquilamente o meu uísque. Mesmo assim o tempo é escasso. E há o problema do prisioneiro a atrasar-nos a marcha.

Sou um dos quatro transportadores do homem. Quero aquilatar do esforço que terei de exigir aos soldados. O processo é o habitual: uma manta atada a dois ramos, e eis a maca. O fardo é alentado. A vegetação, fechada, dificulta o transporte. Levo já a mão direita em ferida.

Os outros três carregadores mostram também sinais de cansaço. E nem um

quilómetro ainda percorremos. Sei que não vou aguentar mais, arreio, dou ordem para parar.

Decido entrar em contacto com o Tembué para informar o Comando sobre a nossa situação. Pouco depois, uma contrariedade de vulto: não é possível estabelecer a ligação rádio.

O grupo de combate dá sinais de impaciência, a inquietação sobe a todo o instante. É um perigo mantermo-nos parados nas imediações da base. Devo ter cometido algum erro para nos encontrarmos nestes apuros. Mas não consigo perceber qual. Procuro manter-me sereno, não é fácil. Isto está a ir de mal a pior. Sem saber o que fazer, reavalio as várias hipóteses de saída. E o tempo vai passando.

Um furriel vem ter comigo: «Então como é?!» Mostra-se agastado. E tem razão. Olha-me nos olhos com severidade. Está a tentar intimidar-me. De facto, ele não me conhece. Cederia mais facilmente perante um fraco.

Roído de dores continua, de certeza, o guerrilheiro. Mas não deixa escapar o mais pequeno lamento. Começo a admirar este homem. Espapaçado sobre a manta ensanguentada, não tira os olhos de mim. Oficial do mesmo ofício percebe a situação. Sabe que o problema é ele próprio. Deve estar a pensar que não será poupado, que não viverá muito mais. Que me preparo para faltar à palavra dada. Os nossos olhares cruzam-se e ele brinda-me com uma expressão de ironia, a roçar o desprezo.

Encontrei uma saída para a crise. Não a vou dar já a conhecer. Quero que o anúncio da decisão não surja quase imediatamente a seguir ao encontro que o furriel teve comigo.

O grupo, cada vez mais impaciente, espera ordens. Aquilo que tenho para dizer vai ter efeito de bomba. Encaro os homens com falsa tranquilidade. Não posso dar-lhes o mais leve vislumbre do que me vai dentro. No tom natural de quem acerta uma ida ao cinema, digo-lhes: «Vou ficar aqui, com esta gente e com o ferido. Se alguém mais quiser ficar...».

Este meu anúncio é pateta e patético. Uma enormidade, disso tenho consciência. Sei que estes homens experientes na guerra, também pensam assim. Mas outra alternativa não vejo. Guiguirá diz-me, entre-dentes: «Eu fico».

Durante estes segundos difíceis, lamento amargamente não ter comigo os “putos” do meu pelotão. Como terão reagido? Verem-me partir e eles em terra... ficaram, de certeza, aparvalhados. Fazem-me falta. Estes que tenho pela frente não passam de estranhos. A bola está agora do seu lado. Não demoram na resposta: «Ficamos todos».

De um momento para o outro, tudo se altera, pelo menos para mim. Os homens do meu grupo de combate não fariam melhor. De repente, ganho uma admiração enorme por esta equipa. Aproveito a momentânea descompressão, convenço-os a não ficarmos todos. Metade deve ir embora. E isso acaba por acontecer.

A tarde vai adiantada. O grupo que partiu só deverá chegar ao quartel ao romper do dia. O nosso, o que permanece próximo da base assaltada, tenta, repetidamente, comunicar com o Tembué. Quero informar da situação.

Adeus rancho melhorado. A propósito: não trouxemos ração de combate e a água

no cantil também está na reserva. De acordo com o planeado, faríamos o golpe de mão, regressaríamos para o almoço. Na movimentação de pinos sobre o mapa, os dois maiores de operações não podia prever estes desenvolvimentos.

As comunicações continuam a negar-se. Só nos resta desistir, pôr de lado a ideia de darmos notícias. Imagino a ansiedade a crescer, hora a hora, no Tembué. Quando a noite for adiantada e de nós não houver sinal, a preocupação aumentará. Talvez seja esse o momento para os rodesianos revelarem onde e em que circunstâncias nos largaram.

As primeiras sombras já aí andam. Reunimos a população. De lado, fica Guiguira e o guerrilheiro. A toda a volta, em círculo, o que resta do grupo de combate. Somos poucos para tão grande perímetro. O que trarão as trevas? Acampar junto da base é violar princípios básicos de segurança. Este pensamento não me sai da cabeça.

Antes do cair definitivo da noite, os últimos preparativos. Guiguira avisa a população para se manter em silêncio. De volta, traz-me um aviso: há uma *muana* (rapariga) perigosa... Como? Ele explica: «Ficou com uma *cocuana* (velha), mas pode arrepender... Se dá no fugir... corre como bicho do mato». A rapariga, olhos amendoados de corça bravia, exige, de facto, vigilância.

A escuridão torna-se total. Estou deitado de bruços. Há um bebé a chorar. Esta gente porta-se bem, mas vai ser impossível impedir o choro das crianças, a tosse. Por isso, penso, os guerrilheiros não terão dificuldade em detectar-nos. Quando isso acontecer, a noite ficará subitamente iluminada por poderosos *very lights*, sobre nós cairá uma chuva torrencial de balas e granadas. Será o fim.

O que pensará sobre isto a *muana*, deitada agora a meu lado de bruços como eu? É inteligente, vivia na base, a sua opinião conta. Com naturalidade desconcertante, diz que eles vão aparecer «logo, logo».

Estou sem relógio. Devemos estar entre as dez e as onze da noite, calculo. A *muana* permanece há muito tempo de olhos fechados. Mas agora abre-os, estica o pescoço, põe-se à escuta. Anuncia: «Estão no vir...»

Fico eriçado, com medo. Preciso de avisar o homem que me fica à direita e o outro instalado à minha esquerda. Agora sou eu a detectar também os ruídos. Entretanto, um longo assobio modelado chega até nós, desobriga-me dos avisos. Estou de mãos enclavinadas na G3. Mas quem lá vem passa ao largo. Talvez população tresmalhada à procura de familiares.

A noite vai correndo e os sustos repetem-se. Desta vez, o caso parece mais sério. É já madrugada. Daqui a pouco será a hora ideal para um ataque. Sinto-me cansado, desmoralizado. Posso estar perto do fim. Ouço o som de um ramo a quebrar. Devem estar a instalar-se. Ao alvorecer atacam.

Esta espera desespera-me. O frio agora é intenso. Costuma ser sempre assim, na ponta final da madrugada. A baixa temperatura faz-me esfregar as mãos, ajuda-me a distrair.

E se ligasse o rádio portátil do prisioneiro? Com o volume no mínimo talvez desse para ouvir música. Sintonizaria aquela estação do Malawi que quase só dá *rock'n'roll*. De manhã, abrem sempre com um locutor aos gritos, a anunciar o

Paperback writer, dos Beatles. A ideia é tentadora, mas não devo levá-la por diante.

Hei-de dizer que os ruídos deixaram de se ouvir. Continuo à espera de um ataque, mas também já ponho a hipótese de ele não ocorrer. Bom sinal é o canto dos pássaros mais madrugadores. Se a guerrilha estivesse instalada, o dia nasceria mudo. Cada instante que passa convence-me que o perigo está a diminuir.

A luz do dia anima-me. Levanto-me. A G3 parece de chumbo. Caminho até à orla da mata. Vou seguro, confiante de que os soldados que seguiram para o quartel deram conta do recado. Lá em baixo, numa praia fluvial do Kapoche, um bando róseo de flamingos aproveita os primeiros raios de sol. Os *helis* devem estar a chegar. É a brisa a trazer-me a notícia. Na primeira leva tem de embarcar o ferido.

PS – Hoje, tantos anos depois, ainda não se esfumou em mim a esperança de regressar a Moçambique, procurar o moçambicano que confiou na minha palavra, dar-lhe uma abraço. E, claro, devolver-lhe o rádio.

Jaime Froufe Andrade